

APRESENTAÇÃO

Eduardo **Dullo**¹

Jardel **Loeck**²

Cornelia **Eckert**³

A juventude é, novamente, muito mais do que uma palavra e do que uma etapa cronológica da vida humana. Nos últimos anos pudemos observar uma retomada das suas iniciativas de confronto tanto com as posições já estabelecidas quanto com certas tentativas de mudança da sociedade brasileira. Pergunta-se insistentemente sobre sua maneira de pensar, sua forma de ver o mundo, atribuindo-lhe nomes geracionais em decorrência da década de nascimento desta ou daquela “juventude”. Assim, a juventude é eminentemente plural: a transformação desta em valor fez com que mais e mais pessoas se identifiquem e sejam identificadas como “jovens”, a ponto de termos, atualmente, mais de uma geração de jovens coexistindo. Por outro lado, a “juventude” singularizada vem ganhando visibilidade como agente social específico em um país que passa por transformações de grandes dimensões nas últimas duas décadas. Para uma sociedade que foi, por boa parte do século XX, considerada “o país do futuro” e em que desde a Primeira República se acredita que a formação dos jovens e o investimento na educação é a tábua de salvação da nação, o imaginário que envolve as novas gerações é não apenas matéria de especulação, mas de esperança. Assim, mais uma vez, a “juventude” é alçada a esta posição - como uma maneira de se contrapor aos malfeitos dos mais velhos, tornando-se fonte de esperança para muitos dos que almejam outro futuro para o país. Do ponto de vista analítico assumido pelas contribuições deste número da Revista *Illuminuras*, a juventude é tudo isto e muito mais: jovens são aqueles que produzem imagens de si e imaginam futuros possíveis e impossíveis, mas também são o objeto de muita imaginação, são não apenas sujeitos e agentes sociais transformadores, mas um banco de imagens recorrentemente acionado. Este número 44 da Revista *Illuminuras* é, portanto, dedicado à compreensão tanto das imagens quanto dos imaginários dos jovens e sobre eles.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

O primeiro artigo, de Alexandre Barbosa Pereira, acompanha o protagonismo urbano juvenil, de camadas populares e em bairros periféricos, a partir de uma longa e sedimentada experiência de campo na cidade de São Paulo. Se aos jovens associamos, de imediato, a vida escolar, Pereira nos traz esta dimensão em relação com outra que compõe aquelas vidas: o tempo livre e o lazer. Sua problematização envolve não apenas a própria noção de juventude como também as maneiras pelas quais eles fazem a cidade por meios dos seus rolês, das pixações e da ostentação vinculada à música funk. Como afirma Pereira (p. 35): estes jovens "servem-se da sociedade do espetáculo como uma forma de produzir uma imagem sobre si, que destoa daquela convencionalmente propagada pelas mídias tradicionais, embora se aproveitando dela como forma de projetar-se socialmente".

O segundo artigo, de Juliane Bazzo, analisa justamente um dos vínculos constantemente explorados neste imaginário da juventude: o da violência e, mais precisamente, o do *bullying*. Qual a economia moral associada a esta prática capaz de gerar novas subjetividades? Bazzo reconstrói, por meio de eventos críticos, alguns percursos globais dessa prática e volta-se, por fim, para um caso brasileiro de violência em escola: o Massacre de Realengo, em 2011. Vemos, assim, uma complexa rede composta por *experts*, Estado e famílias se articulando para lidar com as consequências e promover respostas.

O terceiro artigo, de Guilherme Aderaldo, volta-se diretamente para a produção de imagens por jovens de periferia. A criação e consolidação de coletivos como "Cinema de Favela" e de "Video Popular" (entre diversos outros) foi um dos movimentos pelos quais estes jovens passaram a se engajar com a produção imagética sobre o local em que vivem e sobre si mesmos. O artigo de Aderaldo, entretanto, vai além da aquisição da *expertise* por estes sujeitos em projetos sociais e ONGs e debruça-se sobre o processo de autonomia que circunda a ruptura em relação a estes. A imagem posta sobre estes jovens - e com a qual eles precisam lidar - é a de "vítimas" da "exclusão social", em busca de "oportunidades" no mercado cultural hegemônico" (p.77). A capacidade crítica dos jovens adquire proeminência e vemos as reflexões que eles trazem sobre esse universo e sobre as condições precárias de trabalho que encontram por serem jovens *de periferia*: uma tensão entre mercado da periferia e a periferia de mercado.

O quarto artigo, de Bruna Rossi Koerich e de Fernanda Bittencourt Ribeiro trata de um tema de suma importância para o contexto brasileiro atual, que é o imaginário criado sobre e pelos jovens envolvidos em trajetórias de criminalidade. Há uma particularidade metodológica interessante na pesquisa de campo que permitiu a coleta de dados, pois a autora principal foi coordenadora de um projeto social de prevenção à criminalidade e à letalidade juvenil no território, localizado em dois bairros periféricos da cidade de Canoas (RS). Espaços que também acolhiam jovens para o cumprimento de “medidas socioeducativas de meio aberto”. A análise é feita a partir de três fragmentos de trajetórias de jovens participantes desses espaços e demonstra que embora a imagem socialmente construída sobre eles enquanto “problema social” seja mais facilmente acionada, eles muitas vezes conseguem apresentar autoimagens diferentes em suas vidas cotidianas. O principal ganho analítico do artigo é exatamente dar voz aos jovens e demonstrar que essas imagens são mobilizadas de formas diversas por atores sociais diferentes, e que se trata, no fim, de uma realidade muito menos homogênea do que apresentada pelo senso comum.

O quinto artigo, de Maria José Villares Barral Villas Boas, nos apresenta com riqueza de detalhes – tanto na narrativa textual quanto no uso de imagens – uma manifestação cultural tradicional que ocorre todos os meses de julho no município de Santo Amaro (BA): trata-se da manifestação performática do “Nêgo Fugido”, que “transforma a tragédia do processo de escravidão em um enredo de triunfo em que os descendentes são empoderados pela narrativa” (p.125). No que toca ao presente número da Revista *Illuminuras*, o ponto mais importante ressaltado pela autora no decorrer do artigo é o “agenciamento das crianças na performance do Nêgo Fugido”, que emergiu de uma proposta etnográfica particular e dialógica, na qual a relação da pesquisadora e sua câmera com as crianças “possibilitou acesso ao imaginário das crianças, às informações acerca da subjetividade de sujeitos expressa através das suas identidades em performance” (p.156).

O sexto artigo, de Raquel Souza Coelho e Thelma Maria Grisi Velôso, se voltam para os projetos de futuro entre jovens do Ensino Médio. Elas perguntam: o que é ser jovem? como definir essa categoria frente à pluralidade de experiências e à pluralidade de sujeitos à ela associados? Ao pesquisarem com jovens que estão prestes a terminar o ensino médio e a finalizar o período obrigatório de escolarização com a passagem à maioria jurídica, o texto se volta tanto para as tensões entre os planos de futuro e o desejo de viver o presente quanto para as aspirações, sonhos e esperanças para, imediatamente, questioná-los acerca da importância do Estado na concretização desses projetos de futuro.

O sétimo artigo, de Heloisa Juncklaus Preis Moraes, faz uma análise a partir de pesquisa junto a grupos de crianças na faixa dos dez anos de idade na cidade de Tubarão (SC), sobre um fenômeno contemporâneo que, ao que parece, vem sendo uma referência importante para os jovens: os chamados youtubers – “‘pessoas comuns’ que se dedicam em postar vídeos e que despontam pela audiência e popularidade” (p. 190). Na análise de Heloisa fica latente o quanto os jovens atualmente valorizam esses indivíduos produtores de conteúdo para a internet e como, muitas vezes, estes se tornam referência, inclusive de um possível futuro profissional para aqueles. A tecnologia, muitas vezes, gera interesse e envolvimento muito maiores do que a própria sala de aula e os conteúdos trocados. Neste sentido, o artigo aponta também para um possível e importante desdobramento da pesquisa: “propor a realização de canais de YouTube como possibilidade de inovar na educação, apostando no caráter semântico e afetivo da imagem, o que criaria vínculo, pertencimento, prazer, cumplicidade e autonomia nas ações de apreender” (p. 194).

O oitavo e último artigo, de Henrique Codato, volta-se para a imagem do corpo juvenil na obra do fotógrafo e cineasta Larry Clark, problematizando as gerações das últimas três décadas. Assim, três filmes são objeto de detalhada análise: *Kids*, *Ken Park* e *O Cheiro da Gente*, permitindo ao autor explorar o atravessamento do desejo e a articulação da intimidade e da degradação ao mesmo tempo em que é negado ao olhar certos aspectos e envoltórios. Como afirma Codato (p. 215): “Ver demais não significa ver tudo. O excesso se transforma, aqui, em signo de uma falta constante”.

O volume prossegue com uma entrevista com o professor português Ricardo Campos, que esteve na UFRGS como professor visitante durante o mês de Maio de 2017. Uma das suas atividades nesta visita pode ser apreendida no seu Ensaio Visual para este número, em que sua experiência com o *graffiti* é agora direcionada para a cidade de Porto Alegre.

Outros dois ensaios visuais compoem o número: de Fabiano Gontijo e Igor Erick, “*Pesca profissional*”, *mudança social e resistência em Santarém, Pará*; e de Edlaine Campos Gomes, Júlio Bizarria, Célia Collet e Marcos Vinicus Salles, *A boneca abayomi: entre retalhos, saberes e memórias*.

Três relatos de experiência e uma resenha completam este número dedicado à juventude. Diógenes Pinheiro nos traz uma visão penetrante das escolas ocupadas no Rio de Janeiro a partir de uma experiência de extensão feita na UNIRIO. É leitura importante para aqueles que querem saber a resposta dada pelos jovens à pergunta: que escolas queremos? Urpi Montoya Uriarte, por outro lado, traz a experiência de cidade produzida a partir do curso de Antropologia Urbana que ministrou na UFBA e das dificuldades encontradas em desenhos da urbanidade feitas por alunos, como a ausência de pessoas. A importância do aprendizado da atenção que a etnografia oferece permite alterar essa perspectiva e demonstrar como as pessoas fazem, continuamente, a cidade. Por fim, Guillermo Stefano Rosa Gómez, Jose Luis Abalos Junior e Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da Rocha trazem, em *Juventude, imagem e cidade: experiências de pesquisa etnográfica com jovens urbanos em Porto Alegre*, a experiência oriunda do curso de Antropologia Visual e da Imagem oferecido por Cornelia Eckert e pelo NAVISUAL na UFRGS. Demonstrando o processo de aprendizado de pesquisa com três grupos de jovens de Porto Alegre (skatistas, Feira de Hip Hop e batalha de MCs) e que culminou em uma exposição audiovisual (ou melhor, uma *expografia*) os autores nos trazem um novo olhar sobre a relação desses jovens entre si, mediados pelo conhecimento antropológico e as práticas de pesquisa. Por fim, Murilo Gelain Gonçalves resenha o livro de Alexandre Pereira, autor de nosso primeiro artigo, completando o ciclo e encerrando o volume não apenas com *A maior zoeira na escola*, mas sobretudo demonstrando o potencial da análise de Pereira para discutir outro fenômeno relacionado à juventude (e com grande potencial crítico e político): os memes.

A organização deste volume não teria sido possível sem o incentivo inicial de Cornelia Eckert e sem a atenção e a dedicação da bolsista editorial Camila Aveline, a quem agradecemos.

Boa leitura!